

As Expressões do Imaginário, o Pensamento Complexo e seus Reflexos na Educação

Prof. Dr. José J. Queiroz¹

Resumo: Este trabalho focaliza o mundo do imaginário, que se expressa em imagens, símbolos, sagrados, a partir de duas leituras antitéticas, a de Mírcea Eliade e a de Jean Baudrillard. Embora ambas sejam relevantes, aponta-se uma terceira leitura, a teoria do pensamento complexo de Edgar Morin, que parece oferecer pistas para compreender, equacionar, recuperar e vivenciar as expressões do imaginário como motivo de esperança na profunda crise que envolve a nossa era.

Palavras-Chave: imaginário, símbolo, sagrado, simulacro, complexidade, educação.

Abstract: This paper aims to present the imaginary world that expresses itself by the images, the symbols and the sacred, by pointing out the antithetic positions of Mírcea Eliade and Jean Baudrillard. The positions of the two authors are relevant but a third one is pointed out, namely, Edgar Morin's Theory of Complexity, that seems to indicate a proper way of understanding, equating, renewing and vivifying the expressions of the imaginary as a reason of hope in the deep crisis of our time.

Key-words: imaginary, symbol, sacred, simulacra, complexity, education.

Introdução

Imaginação, imagem, símbolo, metáfora, expressões do imaginário, são temas recorrentes em autores contemporâneos, assim como simulacro e complexidade. Ao acolhê-los e desenvolvê-los, está explícita a intenção dos autores de superar o logocentrismo, quer dizer, a razão erigida como centro único de toda a realidade. E é também um afastar-se do positivismo entendido como sistema que se nega a admitir outra realidade que não sejam os fatos que caem sob a investigação empírica.

Imaginação, etimologicamente, vem de *imago*, termo latino que significa representação, imitação, e vem também do verbo *imitor*, que se traduz por imitar, reproduzir. Neste sentido etimológico, imaginação vem a ser a capacidade de imitar modelos exemplares, as imagens, reproduzindo-as.

Mas imaginação vai muito além da simples reprodução ou repetição infinita de cópias. Ressalvando o valor dos conceitos e das idéias abstratas, é preciso admitir que as imagens, ao longo da história humana, sempre tiveram a função de mostrar o lado refratário, oculto ao pensamento abstrato, à lógica racional (DURAND, 1998, p.87). A imaginação possibilita enfrentar o reducionismo do pensamento logocêntrico e reducionista. As imagens são fundamentais para se entender a realidade como um holograma. O princípio hologramático “significa que não apenas a parte está no todo, mas que o todo está inscrito, de certa maneira, na parte” (MORIN, 2003, p.302). Pelas imagens, o ser humano mergulha-se na realidade profunda da vida, da alma, e se espelha no tecido global do universo. Pela imaginação, é possível criar um mundo sempre novo. A esterilização crescente da imaginação é uma das causas do desequilíbrio profundo do homem moderno e contemporâneo (ELIADE, 1996, p.16).

Ao enfatizar o mundo da imaginação e das imagens, é preciso cuidado para não enxergá-lo em duas direções reducionistas. A primeira, reduz as imagens a pura cópia racional, abstrata, das realidades, do mundo, da vida. Risco do racionalismo extremado. A segunda, que vem do capitalismo e do seu pretense oposto, o socialismo

¹ Professor doutor do Programa de Pós-graduação em Educação da UNINOVE e Professor Titular do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUCSP.

de leitura marxista stalinista, é a que elimina o imaginário ao reduzir o ser humano a puro objeto, máquina de produção ou consumo ou a um sujeito submisso a um processo dialético determinista, estrangulado pela violência necessária, projetando um horizonte inatingível, desembocando no desmanche da liberdade e da criatividade.

Fora destas duas leituras reducionistas e eliminatórias do imaginário, já criticadas com propriedade e competência por inúmeros autores modernos e pós-modernos, pretendo focalizar, neste breve texto, duas posições contrastantes, que têm o mérito de enfrentar o logocentrismo e o positivismo, mas caem, elas também, em um reducionismo no tocante a imaginação, imagens e símbolos. Depois de expô-las, apresentarei o pensamento complexo como uma via possível para apontar com mais propriedade o lugar destas importantes realidades no saber e no viver humano.

1. Imaginação, imagem, símbolo, sagrado e religião na leitura de Mircea Eliade.

Em várias obras, nomeadamente em *Imagens e Símbolos* (1996) e em *O Sagrado e o Profano* (1999), o autor apresenta uma excelente recuperação do valor simbólico das imagens. Em *Mito e Realidade* (1972), ele trabalha o sentido dos mitos, apontando que eles não são meras fábulas ou fantasias, mas contam histórias reais da fundação do cosmos, do ser humano, do seu passado e do seu futuro. Em *Imagens e Símbolos* (1996), o autor reivindica a função fundamental do imaginário e do simbólico para a vida e a cultura.

O pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta, do desequilibrado; ele é consubstancial ao ser humano, precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade –os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser. Por isso, o seu estudo nos permite conhecer o homem, o homem simplesmente“ (1996, p.8-9)

Já na obra *O Sagrado e o Profano* (1999), Eliade avança até a extrema fronteira a função dos símbolos. Estes, agora, no seu ponto máximo, são expressões do sagrado, em oposição ao profano. Eliade entende por sagrado a noção indicada por Rudolf Otto em *Das Heilige* (*O Sagrado*, 1992). Trata-se de algo misterioso, que envolve o ser humano em uma experiência terrífica e irracional, provoca “um sentimento de pavor diante desse *mysterium tremendum*, dessa *majestas* que exala uma superioridade esmagadora de poder e ao mesmo tempo exerce um fascínio irresistível, que leva o humano à plenitude do ser” (ELIADE. 1999 p.16). As experiências do sagrado são *numinosas* (do latim *numen*) porque provocadas por um aspecto do poder divino (*Ibid.*p.16). Esse ser *numinoso* é também *ganz andere* (totalmente outro), radicalmente diferente, não tem nenhuma semelhança com o humano e com o cósmos e diante dele o sujeito tem o sentimento de sua profunda nulidade, de não ser mais que uma criatura.

Para Eliade, o Sagrado, ao se manifestar em qualquer hierofania, “traz a revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo” (*Ibid.*, p.26) A hierofania constitui um “centro”, um ponto “fixo, absoluto”. Por isso, a orientação ritual e a criação de um espaço sagrado têm um valor cosmogônico, equivale à criação do mundo (cf. *Ibid.*, p.26), possibilita “o viver real” (*Ibid.*, p.27).

Já o espaço profano é relativo, carece de verdadeira orientação, não tem ponto fixo,

não goza de um estatuto ontológico único, aparece e desaparece segundo as necessidades diárias. A bem dizer, não há ‘Mundo’ (totalidade); há apenas peças de um universo fragmentado, massa amorfa de uma infinidade de “lugares” mais ou menos neutros onde o homem se move, forçado pelas obrigações de toda existência integrada numa sociedade industrial(*Ibid.*, p.27-28).

Devido a esse caráter matricial do Sagrado, Eliade atribui à religião o papel fundamental “de ser a solução exemplar de toda crise existencial, não apenas porque é indefinidamente repetível, mas também porque é considerada de origem transcendental, portanto, valorizada como revelação recebida de um *outro* mundo, trans-humano” (*Ibid.*, p. 71). Ao mesmo tempo, ela torna a existência “aberta a valores que já não são contingentes nem particulares, permitindo assim ao homem ultrapassar as situações pessoais e, no fim das contas, alcançar o mundo do espírito”.(*Ibid.*,p.171).

2. A posição de Baudrillard. A morte do símbolo. A era dos simulacros.

A posição de Baudrillard está expressa em várias obras, sendo as principais: *Para uma crítica da economia política do signo* (1995), *A troca simbólica e a morte* (1996); *Simulacro e Simulação* (1991), *A Ilusão Vital* (2001). Na pós-modernidade, entramos na era dos simulacros. O real desapareceu. Os símbolos morreram. A mídia, a tecnologia digital, os códigos da informática instalaram a ditadura dos signos, vazios de qualquer realidade. Estamos na sociedade de puros objetos. O sujeito humano está em vias de extinção. Os acontecimentos são espetáculos desprovidos de conteúdo histórico. Assim, por exemplo, a Guerra do Golfo e a Guerra do Iraque, na realidade, não aconteceram. São simulações que acobertam uma vingança infundável ou expressam o terror contra o terror. Como os videogames, são cópias perfeitas de algo puramente irreal. Porém, são cópias e nada mais. Aliás, vivemos em um mundo de cópias perfeitas, até mais perfeitas do que a realidade. É o que Baudrillard denomina de hiper-real. Entretanto, elas não representam mais nenhuma realidade. A arte cinematográfica tem retratado com trágica beleza e muita precisão a era do simulacros, do espetáculo, dos objetos, vista por Baudrillard. Por exemplo, os filmes *Blade Runner*, *The Truman Show*, *Matrix*.

Em uma das suas últimas obras, *A Ilusão Vital* (2001) Baudrillard busca, em linguagem paradoxal, possíveis saídas em meio aos destroços do real, cujo assassinato nunca é um crime perfeito. E os caminhos vão pelo mundo do imaginário, da “ilusão radical e objetiva do mundo”, aceitando “a impossibilidade radical de uma presença real das coisas e dos seres e sua ausência definitiva deles próprios” (p.77). Cumprir acolher a alteridade radical pois nós nunca somos iguais, exceto talvez no sono e na morte. A alteridade liquidaria a cópia perfeita dos simulacros. Mergulhar-se na ilusão, que é a regra geral do universo, eis que a realidade é uma exceção. Ocorre aceitar o mal, a morte e a ilusão, embora isso constitua um jogo catastrófico e irônico. Perceber a inversão em ato da teoria clássica do conhecimento, admitindo o despertar do objeto e sua prevalência sobre o sujeito, uma ironia que vem do seu âmago, pois, ao escapar do sujeito, ele torna problemática a realidade ou hiper-realidade simuladora. Enfim, é preciso ir ao limite das hipóteses e dos processos, mesmo que isso seja catastrófico; acelerar esses processos terminais é, segundo Baudrillard, a única justificativa para pensar e escrever. Nesses processos, que vão além da discussão da verdade, reside o valor poético e enigmático do pensamento. Em síntese, a salvação do real só pode

acontecer no mundo do imaginário, da linguagem e da poesia, com toda a carga de ilusão vital que carregam.

3. O pensamento complexo frente às posições de Eliade e Baudrillard.

3.1 **Síntese do pensamento complexo.** Esta breve síntese inspira-se em Izabel Petraglia: *Olhar sobre o olhar que olha*. Complexidade, Holística e Educação (2001) e Edgar Morin. *O paradigma perdido: a natureza humana* (1973). A realidade não é nem o todo nem a parte. É ambos e um no outro. O universo é um grande tecido (*complexus*). O todo não é uma soma. É um tecido que parece ter saído das mãos de um grande artista tão sábio que conseguiu entrelaçar ordem e caos, beleza e feiúra, harmonia e desafino, o bem e o mal, a sabedoria e a demência, o relativo e o absoluto, a verdade e o erro, o certo e o incerto. Há aqui uma verdadeira revolução epistemológica e antropológica. Não havendo mais certezas absolutas, temos que conviver com as nossas incertezas. Vivemos no contínuo refluxo entre o certo e o incerto. Tal como as ondas do mar, quebrando-se numa ilha rochosa, que vão e voltam, formando novas ondas, as nossas certezas se desmancham na maré das incertezas e voltam a refluir. Um fluxo e refluxo sem fim. Cada solução faz despontar novas inquietações, perguntas e problemas, e assim progride a humanidade.

O tecer junto implica em vencer o pensamento linear e fragmentário e buscar a unidade perdida cada vez que ela se perde: superar o pensamento único, a realidade sem oposição e sem negação, unidimensional. O uno e o múltiplo convivem. A luz carrega a sombra; a noite traz o dia no seu ventre e o pare ao raiar da aurora. O dia, por sua vez, clama pela noite, como o corpo cansado pede repouso e silêncio.

A realidade complexa se espelha no *anthropos*. O humano complexo é um ser integral que une sabedoria e loucura (*sapiens-demens*). A descrição mais contundente desta antropologia da complexidade está em um memorável texto do livro *O Paradigma Perdido* (1973, p. 108-109), que reproduzo, em síntese, mas salvando as palavras-chaves. O humano è: afetividade intensa e estável; sorri, ri, chora; é ansioso, angustiado; gozador, ébrio; tem êxtase, é violento, furioso; ama; é invadido pelo imaginário; conhece a morte mas não acredita nela (portanto acredita na vida); é possuído por espíritos, deuses, alimenta-se de ilusões, quimeras; é subjetivo e suas relações com o mundo objetivo são incertas; erra, vagabundeia, produz desordem. Entrelaça nele ilusão, excesso, instabilidade, incerteza, confusão entre subjetivo e objetivo, erro, desordem. Enfim, o humano é a própria complexidade que se expressa nesta junção: *sapiens/demens*. Nas palavras de Morin, vejo a imagem perfeita da união dos opostos no pensar e no viver do homem.

3.2 . **Resposta a Eliade.** Acredito que o pensamento complexo dá razão a Eliade no sentido de afirmar com ele o valor do simbólico e do religioso encarnados em mitos e deuses, em anseios e desejos humanos, que revelam a força do imaginário, o qual, “nas suas expressões artísticas da maior sensibilidade, pinta, desenha, dança, escreve, dramatiza os problemas e as atrocidades deste início de milênio, como denúncia do vivido e proposição do ainda não visto”. (PETRAGLIA, 2001, p.14).

Entretanto, é necessário apontar o reducionismo de Eliade, quando afirma que o simbólico, que se expressa em seu ponto culminante no sagrado, portanto, na religião, é o fundamento ontológico de toda a realidade; o sagrado seria também a essência do ser humano. Isso significa uma volta ao essencialismo metafísico que o pensamento pós-moderno não mais aceita. Esse sagrado aniquila o *homo demens* ao projetar um mundo divino perfeito. Daí a a suspeita de Morin frente às religiões reveladas.

Sirvo-me agora de tópicos de um belo e singelo texto, que contém entrevistas concedidas por Morin a Edmond Blatchen para a rádio televisão belga, em 1992, recentemente publicado no Brasil (MORIN, 2002). Diz Morin:

“Eu não posso acreditar em uma religião revelada. Até gostaria de fazê-lo, mas não posso. Não posso acreditar que o mundo seja divino. Porque, na idéia de divindade, há a idéia de perfeição. Ora, o mundo é imperfeito. Para que o mundo nasça, é preciso que o infinito se retire para que haja uma ruptura da perfeição. Esta idéia encontra-se mesmo em nossa teoria cosmológica atual do *big bang*., na sua deflagração inicial. “Antes”, havia um infinito sem tempo, sem espaço, um vazio, um cheio, pouco importa; e o mundo criou-se desintegrando esta coisa original. O mundo nasceu na imperfeição. Ele carrega em si um principio de corrupção e de morte. Mas, nesta imperfeição, ele traz a possibilidade de melhorar (amélioration): não porém de chegar à perfeição! Nós estamos neste mundo. Por isso, eu não acredito que o mundo seja Deus mas eu sou religioso, eu creio, em um outro sentido.” (MORIN 2002, p. 18.).

Cumprer ressaltar as palavras chaves deste texto, que oferecem uma leitura da religião na ótica da complexidade e apontam um caminho que rompe com o essencialismo religioso de Eliade. Em vez de um mundo divino, perfeito, infinito, constituído em sua essência pelo sagrado, é preciso pensá-lo imperfeito, finito, carregando em si um principio de corrupção e morte, ao mesmo tempo, desabrochando em uma busca constante, um profundo anseio, um acreditar na possibilidade de melhorar, ainda que o perfeito, o absoluto, o desfecho eterno e feliz não passem de ilusão.

Mais adiante, já no final da obra citada, Morin oferece pistas para refletir sobre o lugar da religião, do simbólico, do sagrado (deuses) e do acreditar, nas vicissitudes da existência humana. Ele não concorda com Malraux, que dizia: “o século XX ou será religioso ou não será”, querendo sinalizar um inevitável retorno da religião, porque, para Morin, “os deuses sempre permaneceram entre nós”. (*Ibid.*, p. 70). Em certo sentido, podemos captar, nessa afirmação de Morin, uma coincidência com a posição de Eliade, para quem o sagrado, mesmo na era da racionalidade moderna, nunca deixou de estar presente, embora permaneça muitas vezes camuflado no profano. Entretanto, o sagrado de Morin não é o mesmo de Eliade. Este está preocupado com a essência da religião; Morin, com a complexidade, que sempre acompanha o ser religioso. Por isso, Morin começa apontando certos tipos de deuses adorados na modernidade, sob cujo império vivemos, que são “tão cegos e tão tiranos quanto os antigos” (*Ibid.*, p. 70). São deuses abstratos, ideológicos, que se tornam opressores: o capitalismo, o socialismo real, a razão deificada. Morin denuncia a “relação bárbara” que a humanidade tem mantido com eles; relação servil, de súplica e adoração, vendo-os como “bondade infinita” e ocultando as suas crueldades. (*Ibid.*, p.70).

Em vez deles, Morin explicita os deuses em que acredita. Primeiro, ele prefere falar das suas “deusas”: liberdade, amizade, fraternidade (*Ibid.*, p.71). Depois, em vez do sagrado absoluto, ele acredita em “deuses que se encarnam” {...} “como os orixás no seio da macumba” (p.72). Estes deuses, embora tenham “uma vida mais longa do que uma vida humana, são mortais.” Existem nos templos em que são cultuados “enquanto houver crentes que crêem neles. Duram quanto dura a humanidade” (p.72) A relação com eles não há de ser mais de servilismo mas de amizade. “Não de igualdade, porque eles estão acima de nós. Há coisas que nos são transcendentess”

(p.72). Mas isso não quer dizer que eles vivam uma “eternidade cristalizada, uma imortalidade glacial” (p.72.). E Morin termina, apontando um lema religioso: “alimentar-nos de nossos mitos, sem nos deixar devorar por eles” (p.72).

Vejo, nessas reflexões de Morin, uma estreita aproximação com o discurso sobre o sagrado e a religião de alguns renomados filósofos pós-modernos. Não podendo entrar em detalhes, indico a leitura de Vattimo (1998): *Acreditar em Acreditar* e a obra organizada por Vattimo e Derrida (2000), *A Religião*, nas quais desponta a presença de um sagrado não metafísico, que surge como “vestígio”, “evento”, “acontecimento”, inserido na profundidade do humano.

3.3. Resposta a Baudrillard. Há uma acentuada afinidade entre o pensamento de Baudrillard e o de Morin, ao analisarem a conjuntura presente, a condição pós-moderna. Com Baudrillard, Morin expressa uma profunda preocupação com a situação atual e o destino do humano e do planeta. O conceito de crise planetária é recorrente em muitos dos seus escritos (cf. PETRAGLIA, 2001, p.43). Apesar do enorme progresso tecnológico, há um sentimento de perda do futuro. Estamos na pré-história e longe da realização do humano. Medo, violência, terror, insegurança, angústia, tristeza, infelicidade, A máquina artificial (o simulacro, na linguagem de Baudrillard.) está dominando e engolindo o existir humano. Respira-se um clima de morte. A solidariedade está moribunda, prevalecem o individualismo e o egocentrismo. Diz Morin, citando Tarkovski: “O destino nos persegue como um louco armado de uma navalha” (MORIN, 2002, p.67). Com Baudrillard, Morin acredita na força do imaginário, das suas expressões e nas vicissitudes do *demens* junto ao *sapiens* como caminhos em busca do humano.

Mas, em oposição a Baudrillard, o pensamento complexo não é catastrófico. Acredita profundamente no ser humano e nutre a esperança em uma ética solidária (cf. MORIN, *Método 6 – Ética*, 2005). Tive ocasião de trabalhar alhures essas perspectivas de uma saída ética na crise atual da humanidade (Cf. QUEIROZ, 2006 e 2008). Crer no improvável é preciso. Vem então ao pensamento o princípio de esperança de Hölderlin: “lá onde cresce o perigo, cresce também o que salva”.(Apud MORIN, 2002, p.68). O perigo crescente leva ao despertar da consciência e urge a necessidade de enfrentar.

Finalizando.

Baudrillard levanta o alerta: o imaginário, os símbolos estão em crise. O simulacro ronda por toda parte. Cumpre radicalizar a recusa e partir para o radicalismo dos novos caminhos. Eliade, tomado nos devidos limites, abre pistas de recuperação do imaginário e dos símbolos. O pensamento complexo indica que a noite em que vivemos está prenhe. Ninguém sabe o dia que vai nascer, mas ele nascerá. O mundo novo é incerto, mas é possível. Acreditar sempre na força da razão, recuperar o valor do imaginário, da imagem, da imaginação, dos símbolos, dos sagrados, é a grande tarefa.

Tarefa que incumbe, também, e especialmente, ao profissional da educação. Como afirma Morin (2000), entre os saberes necessários para a educação do futuro, está a preocupação em ensinar a condição humana; e seria mutilar o todo humano se nele se apagar ou marginalizar o imaginário e seus símbolos, inclusive a dimensão sagrada ou transcendente. É relevante que o educador saiba trabalhar a ordem econômica da sociedade, assim como o social e o político, o poder e a dominação. Mas Severino (2002) chama a atenção para a atividade simbolizadora do homem, que jamais poderá estar ausente do labor educacional, pois, por seu intermédio, o humano cria cultura, representa todos os aspectos da realidade e assume, pela subjetividade, o

conhecer e o valorizar. É essa atividade que “constitui o modo humano de apreensão da realidade, incluindo-se os dados naturais, as relações sociais, os elementos objetivos da cultura, as atividades da consciência, enfim, tudo” (SEVERINO, 2002, p. 176).

Finalizo, apresentando uma linda melodia, *Memory –Memória-*, motivo central da peça musical *Cats*, de autoria de Andrew Lloyd Webber, que está novamente em cartaz, em São Paulo. Lindo ouvi-la na magnífica interpretação dos tenores Luciano Pavarotti e Plácido Domingo. A letra vai aqui em tradução livre. Uma gatinha agoniza ao relento numa noite gélida da cidade adormecida e relembra os dias de sol e a beleza da sua juventude. Imagens, poesia, música, tristeza, solidão, desejo, nostalgia, corpo e sentido, esperança, fé na noite parindo o dia, é o mundo de *Memory*, o nosso mundo.

“Meia noite.
O asfalto silencia.
Perdeu a lua a sua memória?
Ela está sorrindo solitária.
À frouxa luz de uma lâmpada,
As folhas secas se juntam aos meus pés
E o vento começa a gemer.

Memória!
Sozinha à luz da lua
Posso sorrir como antigamente
Quando eu era linda; lembro-me então
Do tempo em que eu sabia o que era a felicidade.
Que a memória viva novamente.

Cada luz da rua parece marcar
Um aviso fatal.
Alguém murmura e a luz da rua se apaga.
Logo vai amanhecer.

Luz do dia!
Devo esperar pelo nascer do sol
Devo pensar numa nova vida
Não devo me entregar.

Quando a aurora despontar
Esta noite será também uma lembrança.
E o novo dia vai começar,
Dissipará os dias cinzentos
O sabor e o odor frio da manhã.
Uma luz da rua morre
Outra noite finda
Outro dia amanhece.

Toque-me!
Tão fácil é me deixar
Sozinha com a minha lembrança
Dos meus dias ao sol..
Se você me tocar
Você compreenderá o que é a felicidade.
Olhe, um novo dia começou!”.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. *Por uma crítica da economia política do signo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995

------. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991

------. *A Troca Simbólica e a Morte*. São Paulo: Loyola, 1996.

------. *A Ilusão Vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

DERRIDA, Jacques e VATTIMO, Gianni (Org). *A Religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

DURAND, Gilbert. *O Imaginário*. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

------. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

------. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972

MORIN, Edgar. *O Método 5*. A humanidade da humanidade. A identidade humana. 2ª. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

------. *O Paradigma Perdido*. A natureza humana. 4ª. Ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1973.

------. *Nomes de Deuses*. Ninguém sabe o dia que nascerá. Entrevistas a Edmond Blattchen. São Paulo: UNESP, 2002.

------. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

------. *O Método 6 – Ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Lisboa: ed. 70, 1992.

PETRAGLIA, Izabel. *Olhar sobre o olhar que olha*. Complexidade, Holística, Educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

QUEIROZ, José J. Educar para a solidariedade. Princípios e rumos. In ALMEIDA, Cleide e PETRAGLIA, Isabel (Orgs.) *Estudos de Complexidade*. São Paulo: Xamã, pp.49-64

_____. Pensar a Ética em Tempos de Crise: Reflexões Colhidas do Método 6 de Edgar Morin. In ALMEIDA, Rita Silvério de e PERISSÉ, Gabriel (Orgs.) *Educação e Linguagem – Ensaio. Notandum Libro 11*. São Paulo/Porto 2008: CEMOrOC Edf-Feusp e Universidade do Porto. pp.33-40

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia*. 8ª. Reimpressão. São Paulo: Cortez, 2002

VATTIMO, Gianni. *Acreditar em Acreditar*. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

Recebido em 30-09-10. Aprovado em 5-10-10